

RISCO NA BUNDA

Popeye, o personagem clássico dos quadrinhos (namorado da Olívia Palito) criado por Elzie Crisler Segar em 1929 foi minha referência infantil para tatuagem, como coisa de velhos marinheiros e lobos do mar frequentadores de bares infectos ao redor dos portos, lugares perigosos pelos quais não se deveria passar. Hoje, tatuar o corpo virou moda. Uma série bem legal a partir de tatuagens é *Blindspot*. Nua e sem memórias, uma mulher é encontrada na Times Square, em Nova York, recoberta por tatuagens recentes, sendo uma delas o nome de um agente do FBI, que se envolve a partir de então nas investigações do caso.

Inscrever desenhos obscuros, mensagens religiosas ou políticas, objetos de amor, nomes de gente, é prática frequente principalmente entre os jovens, cuja pele recebe o risco azulado de difícil arrependimento. Isso quando não são usados estupidamente como forma de tortura, como vimos no episódio em que um idiota tatuou “ladrão e vacilão” na testa de um garoto.

Tempos atrás, um ateliê de tatuagens foi instalado na minha vizinhança, em esquina bastante movimentada. A entrada e saída de pessoas é tanta que o portão fica, quase sempre, aberto sobre a calçada. Ao passar pelo local, pode-se ver o artista trabalhando na vaqueta alheia, com aquele constante zumbido de rotor de dentista, apavorante. Diferentemente do dentista, parece que o pessoal gosta, pois a fila de gente esperando só tem aumentado.

No entanto, a imprudência dos motoristas, a desobediência à legislação do trânsito e o uso de celulares ao volante fizeram com que a antes tranquila esquina do bairro se tornasse perigosa. O local é bem sinalizado, então só pode ser imprudência ou distração a ocorrência de colisões de veículos. Com intervalo de apenas quinze dias, ocorreram duas esfuziantes e barulhentas trombadas no local que, felizmente, não fizeram vítimas, mas serviram para agitar o pedaço. O problema, do meu ponto de vista, além do susto dos envolvidos, dos gastos das seguradoras com os amassados nas latarias e vidros quebrados espalhados pelo asfalto, é dos tatuados.

As duas colisões ocorreram quase no mesmo horário, próximas ao almoço, quando o ateliê está a pleno vapor. Ambas fizeram os veículos abalroados colidirem com o gradil metálico do ateliê de tatuagem. Imaginei o susto do tatuador com o barulho dos freios dos carros, do ruído da lataria batendo, dos veículos descontrolados esmerilhando o gradil. Pode ser que, com o susto, tenha mexido involuntariamente o aparelho e feito um risco aleatório na bunda do cliente, que vai ter que conviver com isso pelo resto da vida. O traço do acaso que não pode ser apagado, como as vidas que nosso violento trânsito tem feito diariamente.

Mauro Ferreira é arquiteto